

o segredo do faraó

clive cussler e graham brown

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Prólogo

CIDADE DOS MORTOS

ABIDOS, EGITO
1353 A.C., O DÉCIMO SÉTIMO ANO
DO REINADO DO FARAÓ AQUENÁTON

A LUA CHEIA PROJETAVA UM BRILHO AZULADO PELAS AREIAS DO EGITO, emprestando às dunas uma cor de neve, e tonalidades ósseas e alabastrinas aos templos de Abidos. Havia sombras que se moviam sob esse luar intenso à medida que uma procissão de intrusos ia percorrendo furtivamente a Cidade dos Mortos.

Caminhavam, com um ritmo sóbrio, trinta homens e mulheres, com os rostos cobertos pelos capuzes de vestes muito largas e os olhos fixos no caminho diante deles. Passaram pelas câmaras funerárias que encerravam os faraós da primeira dinastia e os santuários e os monumentos construídos durante a Segunda Idade para honrar os deuses.

Numa encruzilhada poeirenta, onde a areia soprada pelo vento cobria a calçada de pedra, essa procissão parou, silenciosa. O homem que a conduzia, Manu-hotep olhou atentamente para a escuridão, pondo a cabeça de lado para escutar melhor e agarrando com mais força na lança.

— Ouviste alguma coisa? — perguntou uma voz feminina, colocando-se ao lado dele.

Tratava-se da sua mulher. Por detrás deles, seguiam outras famílias e uma dezena de servos, transportando padiolas com os corpos das crianças de cada família. Todas dizimadas pela mesma estranha doença.

— Vozes — observou Manu-hotep. — Sussurros.

— Mas a cidade está deserta — disse ela. — Entrar numa necrópole

é crime, de acordo com o decreto do faraó. Até nós nos arriscamos a ser mortos por aqui termos vindo.

Ele puxou para trás o capuz da sua capa, revelando uma cabeça rapada e um colar de ouro que o identificava como membro da corte de Aquenáton. — Ninguém está mais consciente disso do que eu.

Durante séculos, Abidos, a Cidade dos Mortos, florescera, povoada pelos sacerdotes e acólitos de Osíris, senhor da vida após a morte e deus da fertilidade. Os faraós da primeira dinastia estavam aí sepultados e, embora reis mais recentes tivessem sido colocados noutros lugares, ainda havia muita gente que construía templos e monumentos em homenagem a Osíris. Todos, exceto Aquenáton.

Logo depois de se tornar faraó, este fizera algo de impensável. Rejeitara os antigos deuses, eliminando-os por decreto, antes de os derrubar e abandonar por terra, substituindo-os pelo culto de um único deus da sua escolha: Aton, o deus do Sol.

Devido a isso, a Cidade dos Mortos fora abandonada e os sacerdotes e os devotos tinham desaparecido há muito. Qualquer pessoa que fosse apanhada nas suas imediações seria executada. Para um membro da corte do faraó, como Manu-hotep, o castigo seria ainda pior: implacáveis torturas, até que a vítima rezasse e implorasse pela sua própria morte.

Antes que Manu-hotep pudesse voltar a falar, deu-se conta de algo que se mexia. Três vultos saíram a correr do escuro, de armas na mão.

Manu-hotep empurrou a sua mulher para uma zona mais escura e avançou com a lança. Apanhou o homem que os chefiava no peito, empalando-o e imobilizando-o, mas o segundo homem correu para Manu-hotep, levantando uma adaga de bronze.

Esquivando-se para evitar o golpe, este caiu no chão. Conseguiu libertar a lança, agredindo o segundo assaltante. Falhou, mas o homem conseguiu recuar e a ponta de outra lança enterrou-se-lhe nas costas e saiu-lhe pelo estômago, logo que um dos servos se juntou à luta. O homem ferido caiu de joelhos, tentando a custo respirar, incapaz de dar um grito. Quando tombou, já o terceiro assaltante corria a bom correr.

Manu-hotep pôs-se de pé e atirou a lança com um poderoso ímpeto do corpo. Falhou por escassos centímetros, e o alvo fugitivo desapareceu na noite.

— Serão ladrões de túmulos? — perguntou alguém.

— Ou espiões — sugeriu Manu-hotep. — Senti que há já vários dias estávamos a ser seguidos. Temos de nos apressar. Se esse indivíduo conseguir avisar o faraó, estaremos mortos antes que o dia nasça.

— Talvez nos devêssemos ir embora — instou a mulher. — Talvez tudo isto seja um erro.

— Seguir Aquenáton é que foi o erro — apressou-se Manu-hotep a dizer. — O faraó é um herético. Porque ficámos a seu lado, somos castigados por Osíris. Decerto já reparámos que apenas os nossos filhos adormecem para não voltarem a acordar; apenas o nosso gado aparece morto nos campos. Teremos que implorar a piedade de Osíris e teremos que o fazer agora.

À medida que Manu-hotep ia falando, crescia a sua determinação. Durante os longos anos do reinado de Aquenáton, toda a resistência fora aniquilada pelas armas, mas os deuses tinham começado a vingar-se e os que haviam permanecido ao lado do faraó eram os que mais sofriam.

— Por este lado — indicou Manu-hotep.

Continuaram a embrenhar-se pela cidade silenciosa e não demorou até terem chegado ao edifício mais imponente da necrópole, o Templo de Osíris.

Largo e com um telhado em forma de terraço, era rodeado de altas colunas que irrompiam de enormes blocos de granito. Uma grande rampa conduzia a uma plataforma de pedra requintadamente esculpida. Tratava-se de mármore vermelho da Etiópia e de granito com laivos de lápis-lazúli da Pérsia. À entrada do templo havia uma porta com um par de enormes batentes de bronze.

Manu-hotep alcançou-a e conseguiu abri-la com uma surpreendente facilidade. Irrompeu do interior um cheiro a incenso e o lume em frente do altar, tal como as tochas nas paredes, deixaram-no intrigado. Essa luz tremeluzente mostrava assentos arranjados em semicírculo. Neles viam-se mulheres, crianças e homens mortos, rodeados por membros das suas famílias, um som abafado de soluços e um murmúrio de preces.

— Creio que não somos os únicos a violar o decreto de Aquenáton — observou Manu-hotep.

Os que se encontravam no interior do templo olharam para ele, mas, para além desse facto, não reagiram.

— Depressa — ordenou ele aos seus servos.

Estes entraram, colocando os corpos das crianças onde conseguiam encontrar espaço, enquanto Manu-hotep se aproximava do grande altar de Osíris. Aí, ajoelhou-se, de cabeça baixa ao lado do fogo, curvando-se numa súplica. Retirou das suas vestes duas penas de avestruz.

— Grande senhor dos mortos, vimos até ti em sofrimento — murmurou. — As nossas famílias são presas deste tormento. As nossas casas

foram amaldiçoadas, e os campos tornaram-se estéreis. Pedimos-te que tomes os nossos mortos e os abençoes na vida do Além. Tu, que controlas os Portais da Morte, que ordenas o renascer do grão a partir da semente que cai, imploramos-te que envies a vida para as nossas terras e para as nossas casas.

Pousou então as penas num gesto de reverência, espalhou uma mistura de sílica e de ouro em pó por cima delas e desviou-se do altar.

Uma rabanada de vento soprou pelo recinto, inclinando as chamas. Seguiu-se um estrondo retumbante que ecoou no local.

Manu-hotep voltou-se mesmo a tempo de ver os batentes das enormes portas ao fundo do templo a fecharem-se. Olhou em volta com um certo nervosismo à medida que a chama das tochas nas paredes começava a tremer, ameaçando apagar-se. Mas estas permaneceram acesas e as chamas em breve se tornaram verticais, voltando a iluminar o recinto. A essa luz restaurada, viu a forma de alguns vultos por detrás do altar onde ninguém se encontrava ainda há escassos momentos.

Quatro dessas pessoas estavam vestidas de negro e dourado. Eram sacerdotes do culto de Osíris. O quinto estava vestido de outra maneira, como se ele fosse o próprio senhor do mundo subterrâneo. Tinha enrolado nas pernas e na cintura o tecido que se usava para mumificar os mortos. Braceletes e um colar de ouro contrastavam com o tom esverdeado da sua pele e uma coroa cheia de penas de avestruz adornava-lhe a cabeça.

Numa mão, o indivíduo segurava um cajado de pastor, na outra um mangual dourado destinado a malhar o trigo e a separar a semente viva do joio. — Sou o mensageiro de Osíris — disse o sacerdote. — O avatar deste grande Senhor da Vida Após a Morte.

A voz era profunda e ressonante, quase com um tom do outro mundo. Todos os que estavam no templo se curvaram e os sacerdotes, de ambos os lados dessa figura central, avançaram. Começaram a andar em torno das folhas mortas espalhadas, das pétalas de flores e do que parecia a Manu-hotep pele seca de répteis e anfíbios.

— Procuras o conforto de Osíris — disse o avatar.

— Os meus filhos morreram — observou Manu-hotep. — Busco conforto para eles na vida do Além.

— Tu serves o traidor — foi a resposta. — Assim, não serás merecedor.

Manu-hotep manteve a cabeça baixa. — Permite que a minha língua fizesse o trabalho de Aquenáton — admitiu. — Por isso, poderes

aniquilar-me. Mas levai os meus entes queridos para a vida do Além tal como lhes tinha sido prometido, antes de Aquenáton nos ter corrompido.

Quando Manu-hotep se atreveu a olhar para cima, reparou que o avatar o fitava intensamente, com olhos negros que não pestanejavam.

— Não — pronunciaram finalmente os lábios dele. — Osíris exige que ajas. Terás que dar provas do teu arrependimento.

Um dedo descarnado apontou então para uma ânfora vermelha que estava sobre o altar. — Nessa ânfora há um veneno sem sabor. Leva-a. Põe-no no vinho de Aquenáton. Fará com que os seus olhos comecem a ficar turvos e privá-lo-á da visão. Assim, já não será capaz de olhar para o seu Sol precioso e o seu governo desmoronar-se-á.

— E os meus filhos? — perguntou Manu-hotep. — Se eu fizer isso, será que irão ser favorecidos na vida do Além?

— Não — retorquiu o sacerdote.

— Mas porquê? Pensei que vós...

— Se escolheres esta via — interrompeu-o o sacerdote —, Osíris fará com que os teus filhos voltem a viver neste mundo. Voltará a transformar o Nilo num rio de vida e irá trazer a fertilidade aos teus campos. Aceitas esta honra?

Manu-hotep hesitou. Desobedecer ao faraó era uma coisa, mas assassiná-lo...

Enquanto ele não sabia bem o que fazer, o sacerdote moveu-se rapidamente, colocando uma ponta do mangual no fogo ao lado do altar. As correias de couro da alfaia incendiaram-se como se estivessem cobertas de azeite. Com um estalar de pulso, o sacerdote mergulhou o instrumento nas folhas e no joio aí espalhado pelos seus seguidores. Este acendeu-se de imediato e uma linha de fogo desenhou caminho até que um círculo de chamas rodeasse os mortos e os vivos.

Manu-hotep viu-se forçado a recuar devido às ondas de calor. A libertação de gases e o fumo tornaram-se demasiado intensos, turvando-lhe a vista e alterando-lhe o equilíbrio. Quando voltou a elevar os olhos, uma parede de fogo separava-o do sacerdote que se afastava.

— Que fizeste? — gritou-lhe a sua mulher.

Os sacerdotes estavam a desaparecer, descendo uma escada por detrás do altar. As chamas já se elevavam à altura do peito e, quer os mortos quer os pesarosos, estavam agora aprisionados no seu centro.

— Hesitei — disse ele, entre dentes. — Tive medo.

Osíris dera-lhes uma oportunidade e ele desperdiçara-a. Numa agonia

mental, Manu-hotep olhou para a ânfora com veneno que estava sobre o altar. Parecia desfocada através das ondas de calor para depois lhe desaparecer da vista logo que o fumo o rodeou.

Manu-hotep acordou devido à luz que jorrava através dos painéis abertos no teto. O fogo desaparecera e fora substituído por um círculo de cinzas. Sentia-se ainda um cheiro a fumo e podia ver-se uma fina camada de resíduos no chão, como se o orvalho matinal se tivesse misturado com a cinza, ou talvez com uma chuva miudinha que tivesse caído.

Tonto e desorientado, sentou-se e olhou à sua volta. Os enormes batedores da porta ao fundo da divisão estavam abertos. O ar fresco da manhã fluuava por aí. Os sacerdotes, apesar de tudo, não os tinham exterminado. *Mas porquê?*

Enquanto ele tentava descobrir um motivo, uma mão de criança, com dedos pequeninos, tremeu a seu lado. Ele voltou-se para ver a filha, a tremer como se estivesse com convulsões, com a boca a abrir e a fechar como se tentasse desesperadamente respirar, como um peixe na margem de um rio.

Tocou então nela. Estava quente em vez de fria, mexia-se e já não tinha o corpo rígido. Ele mal podia acreditar. O filho também se mexia, dando pontapés no ar como um rapazinho a meio de um sonho.

Tentou que os filhos falassem e parassem de tremer, porém, não conseguiu o que pretendia.

Em torno deles, outras crianças acordavam em fases semelhantes.

— Que se passa com todas estas crianças? — perguntou a sua mulher.

— Estão presas entre a vida e a morte — alvitrou Manu-hotep. — Quem saberá a dor que tal lhes poderá causar...

— Que poderemos nós fazer?

Já não havia temores, já não havia hesitações. — Faremos o que Osíris mandar — respondeu ele. — Cegaremos o faraó.

Levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro por cima das cinzas, dirigindo-se apressadamente para o altar. A ânfora vermelha com veneno ainda lá se encontrava, embora estivesse agora negra de fuligem. Pegou nela, determinado e cheio de convicção. Inundado também de esperança.

Ele e os outros saíram do templo, à espera que os seus filhos falassem, à espera de lhes responderem, ou apenas que sossegassem. Passar-se-iam

semanas antes que tal pudesse acontecer, meses até que aqueles que tinham voltado à vida começassem a funcionar do mesmo modo como antes da sua passagem pelas garras da morte. Contudo, por essa altura, já a luz nos olhos de Aqueenáton teria começado a esvanecer-se e o reino do faraó herético a aproximar-se rapidamente do seu termo.

1



BAÍA DE ABUKIR, NA FÓZ DO NILO
1 DE AGOSTO DE 1798, UM POUKO ANTES DO ANOITECER

UM SOM DE CANHÕES RIBOMBOU ATRAVÉS DA VASTIDÃO DA BAÍA DE Abukir, enquanto se viam os clarões no crepúsculo distante e cinzento. Géiseres de água irrompiam, quando os projéteis de ferro falhavam o alvo, mas a esquadra de navios atacantes estava a aproximar-se rapidamente de uma frota ancorada. As próximas rajadas não seriam disparadas em vão.

Uma chalupa dirigia-se para esse emaranhado de mastros, impelida pelos braços fortes de seis marinheiros franceses. Estavam a tentar alcançar o navio no centro da batalha, no que parecia ser uma missão suicida.

— Já vamos tarde — gritou um dos remadores.

— Continua a remar — ripostou o único oficial do grupo. — Temos de alcançar o *L'Orient* antes que os britânicos o cerquem e comecem a atacar toda a frota.

Esta mesma frota era a Armada Mediterrânea de Napoleão, dezasseite barcos, incluindo treze navios de linha. Respondiam às rajadas inglesas com bombardas muito típicas e todo esse cenário ficou rapidamente envolto em fumo de canhão, mesmo antes do anoitecer.

No meio da chalupa, temendo o pior, encontrava-se um civil francês chamado Émile D'Campion.

Se não estivesse à espera de morrer a qualquer momento, D'Campion poderia ter admirado a beleza selvagem da luta. O artista nele, pois tratava-se de um pintor conhecido, poderia ter considerado como transmitir

tal ferocidade para a imobilidade da tela. Como pintar os clarões de luz silenciosa que iluminavam a batalha; o aterrador assobio das bolas de canhão dirigindo-se aos alvos, os altos mastros, todos juntos como uma mata de árvores à espera de um machado. Teria dedicado um cuidado especial ao contraste dos jatos brancos de água com as últimas tonalidades de rosa e azul no Sol poente. No entanto, D’Campion tremia dos pés à cabeça agarrando-se a um dos lados do barco para manter o equilíbrio.

Quando uma bola perdida de canhão abriu uma cratera na baía, a cerca de cem metros de onde eles se encontravam, ele perguntou: — Mas por que diabo estarão eles a disparar sobre nós?

— Olhe que não estão — respondeu-lhe o oficial.

— Então como explica que estes tiros estejam tão perto de nós?

— Trata-se da pontaria inglesa — observou o oficial. — É *extrêmement pauvre*. Muito má...

Os marinheiros riram-se, talvez de um modo muito barulhento, pensou D’Campion. Eles também sentiam medo. Há meses que sabiam que estavam a desempenhar o papel de raposa em relação aos cães de caça britânicos. Não se tinham confrontado em Malta devido a uma diferença de uma semana nem em Alexandria, por uma questão de vinte e quatro horas. Agora, depois de terem desembarcado o exército de Napoleão e de terem ancorado aí, na foz do Nilo, os ingleses e o seu caçador-mor, Horatio Nelson, tinham-nos finalmente farejado.

— Devia ter nascido com má sina — murmurou D’Campion para si mesmo. — Acho que deveríamos voltar para trás.

O oficial abanou a cabeça em sinal de desaprovação. — As minhas ordens são conduzi-lo a si e a estas malas de porão até ao *L’Orient* e entregar-vos ao almirante Brueys.

— Estou a par das ordens que lhe foram dadas — respondeu D’Campion —, eu estava lá quando Napoleão lhas deu. Mas se está a pensar colocar esta chalupa entre os canhões do *L’Orient* e os navios de Nelson, a única coisa que irá conseguir é fazer com que morramos todos. Temos de voltar para trás, ou para terra ou para um dos outros navios.

O oficial desviou os olhos dos seus homens e olhou por cima do ombro para o centro da batalha. O *L’Orient* era o navio de guerra maior e mais poderoso do mundo. Era uma fortaleza flutuante, com cento e trinta canhões à sua disposição, pesando cinco mil toneladas e transportando mais de mil homens. Tinha junto aos flancos dois outros navios de linha franceses, estando assim colocado, no que o almirante Brueys considerava ser uma

posição defensiva inexpugnável. Contudo, ninguém parecia ter informado os britânicos desse facto, cujos barcos mais pequenos estavam a atacá-lo de um modo destemido.

Trocavam-se tiros simultâneos de todos os canhões de um dos lados entre *L'Orient* e o navio britânico *Bellerophon*. O barco britânico mais pequeno foi o que ficou pior, dado que a sua murada de estibordo ficou desfeita em pedaços de madeira e dois dos seus três mastros se partiram e tombaram com estrondo sobre os conveses. O *Bellerophon* rumou a sul, porém, no instante em que abandonava a batalha, outros navios britânicos conseguiram introduzir-se nesse intervalo. Entretanto, as duas fragatas mais pequenas contornaram os baixios e penetraram pelas fendas da linha francesa.

D'Campion acreditava que remar em direção a essa refrega seria uma verdadeira loucura, e recorreu a mais uma das suas sugestões: — Por que não entregar as malas de porão ao almirante Brueys logo que ele despachar a frota britânica?

O oficial assentiu então com a cabeça. — Estão a ver? — disse ele aos seus homens. — É por isto que *Le Général* acha que ele é um homem *savant*.

O oficial apontou para um dos navios na retaguarda francesa, que ainda não fora submetido ao ataque britânico. — Dirijam-se ao *Guillaume Tell* — ordenou ele. — O contra-almirante Villeneuve está lá. Ele há de saber o que devemos fazer.

Continuaram a remar com afã, e o barco pequeno desviou-se da batalha sangrenta mesmo a tempo. Manobrando através do escuro e do fumo, a tripulação levou o barco para a retaguarda da linha francesa onde esperavam já quatro navios, estranhamente silenciosos, enquanto a batalha se desenrolava em frente.

Assim que a chalupa se encostou às traves sólidas do casco do *Guillaume Tell*, alguém desceu cordas que, bem presas, permitiram que os homens e o carregamento subissem a bordo.

Quando D'Campion chegou ao convés, a ferocidade e selvajaria da batalha tinham chegado a um auge que ele mal poderia ter imaginado. Os britânicos haviam conseguido uma enorme vantagem tática apesar de estarem em minoria. Em vez de tentarem dominar toda a frota francesa, usando os canhões, ignoraram a retaguarda dos navios franceses e redobram os disparos na parte dianteira da linha francesa. Cada navio francês estava agora a lutar contra dois navios britânicos, colocados de ambos os lados

do casco. O resultado era previsível: a gloriosa armada francesa estava a ser completamente destruída.

— O almirante Villeneuve deseja vê-lo — disse um oficial da tripulação a D’Campion.

Levaram-no até à zona abaixo do convés e à presença do contra-almirante Pierre-Charles de Villeneuve. Este tinha uma farta cabeleira branca, um rosto estreito marcado por uma testa alta e um longo nariz romano. Trazia vestido um uniforme impecável, com um casaco azul-escuro bordado a ouro, cruzado com uma faixa vermelha. Para D’Campion, parecia-lhe mais preparado para um desfile do que para uma batalha.

Por momentos, Villeneuve derriçou pelos fechos das malas pesadas. — Creio que você é um dos *savants* de Napoleão.

Savant era a palavra que Bonaparte usava que tanto aborrecia D’Campion e alguns outros. Eles eram cientistas e académicos, reunidos pelo general Napoleão e enviados para o Egito, onde se dizia que poderiam encontrar tesouros capazes de satisfazer o corpo e a alma.

D’Campion era um especialista, ainda em desenvolvimento, na nova disciplina de traduzir línguas antigas, e não havia outro lugar com mais mistério e potencial a esse respeito do que a terra das pirâmides e da esfinge.

Para além disso, D’Campion não era apenas um dos *savants*. Napoleão escolhera-o pessoalmente para procurar a verdade por detrás de uma lenda misteriosa. Prometera-lhe uma grande recompensa, incluindo uma riqueza superior à que D’Campion poderia obter se tivesse vivido dez vidas, já para não mencionar as terras que lhe seriam oferecidas pela nova República. Iria receber medalhas, glória e honrarias, mas primeiro teria de encontrar uma coisa que se dizia existir na Terra dos Faraós, um modo de morrer e de voltar de novo à vida.

Durante um mês, D’Campion e o seu pequeno destacamento tinham estado a remover tudo o que pudessem transportar de um local a que os egípcios chamavam a Cidade dos Mortos. Levaram escritos em papiros, em placas de pedra e textos gravados a cinzel de toda a espécie. O que não podiam transportar, copiavam.

— Faço parte de uma Comissão de Ciência e Arte — esclareceu D’Campion, usando o seu nome oficial preferido.

Villeneuve não pareceu ficar muito impressionado. — E o que o trouxe a bordo do meu navio, comissário?

D’Campion hesitou um pouco. — Não lho poderei dizer, senhor almirante. As malas terão que permanecer fechadas de acordo com

as ordens do general Napoleão. Os seus conteúdos não deverão ser discutidos.

Villeneuve continuava a parecer pouco impressionado. — Mas poderão sempre voltar a ser seladas. Ora, passe-me a sua chave.

— Senhor almirante — avisou-o D’Campion —, o general não iria gostar.

— O general não está aqui! — ripostou Villeneuve.

Napoleão já era um indivíduo poderoso nesse tempo, mas ainda não era imperador. O Directorado, constituído por cinco homens que tinham liderado a revolução, mantinha-se no comando, enquanto outros brigavam pelo poder.

Não obstante, D’Campion teve dificuldade em compreender as ações de Villeneuve. Napoleão não era um homem com quem se pudesse brincar, nem o almirante Brueys, superior direto de Villeneuve, que se encontrava agora a lutar pela vida a menos de um quilómetro. *Por que motivo Villeneuve se importava com essas coisas quando deveria estar a combater Nelson?*

— A chave! — exigia Villeneuve.

D’Campion abandonou a sua hesitação e optou pela solução mais prudente. Retirou a chave de um fio que tinha ao pescoço e deu-a a Villeneuve. — Deixo as malas a seu cargo, senhor almirante.

— E é isso mesmo que deverá fazer — observou Villeneuve. — Pode deixar-me agora.

D’Campion voltou-se para se ir embora, mas parou, arriscando fazer uma outra pergunta ao almirante: — Será que em breve nos iremos juntar à batalha?

O outro levantou uma sobrancelha como se essa pergunta lhe parecesse absurda. — Não temos ordens para o fazer.

— Ordens?

— Não recebemos quaisquer sinais do almirante Brueys no *L’Orient*.

— Senhor almirante, os ingleses estão a dar cabo dele de ambos os lados. Decerto não será a altura para estar à espera de ordens.

Villeneuve levantou-se subitamente e investiu na direção de D’Campion como um touro. — Atrave-se a dar-me instruções?

— Não, senhor almirante, só que...

— O vento é-nos contrário — ripostou Villeneuve, com um acenar de mão para que o outro se retirasse. — Teríamos de rodear toda a baía antes que nos pudéssemos juntar a toda essa balbúrdia. Será mais fácil para o

almirante Brueys vir ter connosco e permitir que lhe demos apoio. Mas, até agora, ele ainda não decidiu fazê-lo.

— Mas, creio que não poderemos ficar aqui parados...?

Villeneuve pegou num punhal que tinha em cima da secretária. — Acredite que sou capaz de o matar caso se atreva a voltar a falar-me desse modo. Que saberá você acerca de navegação e combate, *savant*?

D’Campion deu-se conta de que tinha ido longe de mais. — As minhas desculpas, senhor almirante, tem sido um dia difícil.

— Retire-se — ordenou-lhe Villeneuve. — E fique agradecido pelo facto de ainda não irmos combater, pois pô-lo-ia no convés da proa com um sino ao pescoço para que os britânicos lhe pudessem apontar as armas.

D’Campion deu um passo atrás, fez uma ligeira vénia e saiu da vista do almirante o mais rapidamente possível. Foi até ao convés, encontrou um espaço vazio junto da proa do navio e limitou-se a observar a carnificina ao longe.

Mesmo àquela distância, achou que a ferocidade era uma coisa impressionante de se ver. Durante um período de algumas horas, as duas frotas bombardearam-se à queima-roupa; lado a lado, mastro com mastro, com atiradores especiais nos conveses a tentarem matar quem se atrevesse a aparecer em campo aberto.

Ce courage, pensou D’Campion. Tanta bravura...

Mas bravura não seria suficiente. Nesse momento, cada navio britânico estava a disparar três ou quatro vezes por cada tiro que os franceses falhavam e, graças à relutância de Villeneuve, tiveram mais navios envolvidos nessa batalha.

No centro da operação, três navios de Nelson estavam a dar cabo do *L’Orient*, transformando-o no que parecia já ser um navio desconjuntado. As suas belas linhas e mastros imponentes já tinham desaparecido há muito. O casco, de grossas tábuas de carvalho, estava lascado e partido. Precisamente no momento em que já soavam poucos tiros de canhão, D’Campion podia dar-se conta de que o navio estava a agonizar.

Reparou em fogos que corriam como mercúrio ao longo do seu convés principal. As chamas malévolas dardejavam aqui e ali, sem piedade, enquanto ateavam as velas caídas e se dirigiam, através das escotilhas abertas, para o porão.

Uma explosão súbita irrompeu, cegando momentaneamente D’Campion apesar de ele ter fechado os olhos. Um ribombar intenso tornou-se mais alto do que o que quer que ele alguma vez tivesse ouvido.

D’Campion foi atirado para trás devido a uma onda de choque que lhe chuscou o rosto e lhe queimou o cabelo.

Caiu de lado, tentando retomar o fôlego, e rolou pelo chão várias vezes tentando apagar as chamas do casaco. Quando finalmente olhou para cima, mal conseguia acreditar no que via.

O *L’Orient* tinha desaparecido.

Havia fogo sobre as águas num grande círculo em torno do naufrágio. Tão grande fora a explosão que outros seis navios estavam a arder, três da frota inglesa e três da francesa. O ruído da batalha cessou, à medida que membros da tripulação, com bombas de água e baldes, tentavam desesperadamente evitar serem destruídos pelo fogo.

— O fogo deve ter chegado ao paiol — murmurou a voz entristecida de um marinheiro francês.

Bem no fundo dos porões de cada navio de guerra, havia centenas de barris de pólvora. A mais pequena faísca tornava-se um perigo.

As lágrimas corriam pelas faces do marinheiro enquanto ele falava e, embora D’Campion se sentisse bastante nauseado, estava demasiado cansado para poder revelar quaisquer emoções.

Mais de mil homens se encontravam no *L’Orient* quando o navio chegara a Abukir. O próprio D’Campion já viajara nele e jantara com o almirante Brueys. Quase todos os homens que ele conhecera durante essa viagem tinham estado naquele navio, mesmo as crianças, filhos dos oficiais, alguns com a idade de onze anos. Olhando fixamente para a devastação, D’Campion não conseguia imaginar que algum deles tivesse sobrevivido.

Desaparecidos também (para além das malas de porão de que Villeneuve se apossara) todos os esforços do mês que passara no Egito e a oportunidade de uma vida.

D’Campion deixou-se cair no soalho do convés. — Os egípcios avisaram-me — disse ele.

— Avisaram-no? — repetiu o marinheiro.

— Contra retirar pedras da Cidade dos Mortos. Seguir-se-ia uma maldição. Uma maldição... ri-me deles e das suas superstições ridículas. Mas agora...

Tentou pôr-se de pé mas voltou a cair. O marinheiro ajudou-o a descer para o interior do navio. Aí, pôs-se à espera que o inevitável ataque dos ingleses os fosse exterminar.

Chegou ao nascer do dia, quando os britânicos se reagruparam e se prepararam para atacar o que ainda restava da frota francesa. Mas, em vez

dos bombardeamentos humanos ou do terrível estalar da madeira devido às bolas de canhão, D’Campion apenas ouviu o vento quando o *Guillaume Tell* se começou a mover.

Subiu até ao convés para reparar que zarpavam para nordeste com as velas plenamente desfraldadas. Os britânicos tentavam segui-los mas não os conseguiam alcançar. Uma vez por outra, pequenas nuvens de fumo revelavam os fúteis esforços para atingir o *Guillaume Tell* que se encontrava demasiado longe e, em breve, as suas velas tornaram-se quase invisíveis no horizonte.

Durante o resto dos seus dias, Émile D’Campion iria questionar a coragem de Villeneuve, mas nunca iria difamar a esperteza desse homem, insistindo mesmo, perante todos o que escutassem, que ele lhe devia a vida.

A meio da manhã, o *Guillaume Tell* e três outros navios, sob o comando de Villeneuve, tinham deixado Nelson e o seu implacável Bando de Irmãos muito para trás. Dirigiam-se para Malta, onde D’Campion iria passar o resto da sua vida, a trabalhar, a estudar, chegando mesmo a conversar por carta com Napoleão e Villeneuve, sempre a pensar nos tesouros perdidos que ele retirara do Egito.

2



M. V. TORINO, SETENTA MILHAS A OESTE DE MALTA
DIAS DE HOJE

O M. V. TORINO ERA UM CARREGADOR COM CASCO DE AÇO DE CEM METROS, CONSTRUÍDO EM 1973. COM A SUA IDADE AVANÇADA, PEQUENAS DIMENSÕES E FRACA VELOCIDADE, NADA MAIS ERA AGORA SENÃO UM «BARCO COSTEIRO» QUE VIAJAVA PEQUENAS DISTÂNCIAS ATRAVÉS DO MEDITERRÂNEO, APORTANDO EM VÁRIAS ILHAS PEQUENAS, NUM CIRCUITO QUE INCLUÍA A LÍBIA, SICÍLIA, MALTA E GRÉCIA.

Uma hora antes do nascer do dia, estava a dirigir-se para oeste, a setenta milhas do seu último porto de escala em Malta, para a ilha italiana de Lampedusa.

Apesar de ser ainda muito cedo, havia vários homens na ponte de comando. Todos eles estavam nervosos, e com boas razões para tal. Durante a última hora, um barco não identificado, a navegar sem luzes, viera a persegui-los.

— Será que eles ainda vêm atrás de nós?

Essa pergunta foi gritada pelo mestre do navio, Constantine Bracko, um indivíduo encorpado com braços de bate-estacas, cabelo grisalho e uma barba por fazer tão rija como lixa.

Com a mão na roda do leme, estava à espera de uma resposta.
— Então...?

— O navio ainda aí está — informou-o o contramestre —, seguindo-nos no encaço e sempre a aproximar-se.

— Desliguem as luzes — ordenou Bracko. Outro membro da tripulação desligou toda uma série de interruptores, deixando o *Torino* às escuras. Com o navio sem luzes, Bracko voltou a mudar de rumo.

— Isto não nos irá adiantar muito se eles tiverem radar ou óculos de visão noturna — observou o contramestre.

— Mas há de dar-nos mais tempo — respondeu Bracko.

— Pertencerão aos serviços alfandegários? — perguntou outro membro da tripulação. — Ou à Guarda Costeira italiana?

Bracko abanou a cabeça. — Oxalá se tratasse da Guarda Costeira...

O contramestre sabia o que se estava a passar. — Será a Máfia?

Bracko acenou afirmativamente com a cabeça. — Devíamos tê-los compensado. Estamos a contrabandear nas águas deles. Eles querem o quinhão que lhes compete.

Pensando que poderia desaparecer na noite escura, Bracko arriscara-se. O seu lance de dados não dera o resultado que ele esperara. — Busquem as armas — disse ele. — Temos de lutar.

— Mas, Constantine — disse o contramestre. — Isso não será nada bom, dado o que estamos a transportar.

O convés do *Torino* estava carregado de contentores, no entanto, escondido no interior dos mesmos, havia tanques pressurizados tão grandes como autocarros urbanos cheios de propano líquido. Também estavam a contrabandear outras coisas, incluindo vinte barris de uma substância misteriosa trazida a bordo por um cliente egípcio; porém, devido aos impostos crescentes dos combustíveis através da Europa, seria o propano que lhes proporcionaria um bom lucro.

— Até mesmo os contrabandistas têm de pagar impostos — murmurou Bracko para si mesmo. — Se considerarmos o dinheiro para proteção, para o transporte e para as taxas portuárias, iremos achar que as organizações criminosas são tão ávidas como os governos. Agora teremos que pagar o dobro. O dinheiro e a carga. Talvez até o triplo, se quiserem fazer de nós um exemplo.

O contramestre acenou com a cabeça em sinal de concordância. Ele não tinha qualquer desejo de pagar com a vida o combustível destinado a outras pessoas. — Vou buscar as armas — disse ele.

Bracko atirou-lhe a chave. — Acorda os homens. Ou combatemos ou morremos.

O tripulante dirigiu-se ao armário das munições e aos beliches por baixo do convés. Quando ele desapareceu, outra pessoa entrou na casa do

leme. Um passageiro com o estranho nome de Ámon Ta. Bracko e a restante tripulação chamavam-lhe *o egípcio*.

Alto e magro, com olhos fundos, uma cabeça rapada e pele cor de caramelo, havia pouco nesse homem que Bracko achasse imponente. Na verdade, intrigava-o o facto de terem escolhido um sujeito tão insignificante para acompanhar o que ele apenas poderia assumir serem barris de haxixe ou de alguma outra droga.

— Por que motivo desligaram as luzes do navio? — perguntou Ámon Ta sem rodeios. — Por que razão mudámos de rota?

— Será que não consegue adivinhar?

Após um momento de reflexão, o egípcio parecia ter percebido. Retirou do cinto uma pistola de 9 milímetros, pegou nela sem grande convicção e dirigiu-se à porta, onde se pôs a olhar para o vazio escuro do mar.

— Atrás de nós — disse Bracko.

Mas no preciso momento em que falou, viu que tinha errado. Mesmo junto a bombordo, surgiram dois feixes de luz forte, um deles pintando a ponte de comando com um brilho ofuscante, outro iluminando a amurada.

Dois barcos de borracha surgiram a grande velocidade. Instintivamente, Bracko virou o navio na direção deles, mas era inútil; os barcos desviaram-se e continuaram na mesma direção e à mesma velocidade.

Atiraram cordas com ganchos que se agarraram a três cabos metálicos que funcionavam como corrimão de segurança. Segundos depois, dois grupos de homens armados começaram a trepar para o *Torino*.

Dos barcos, disparavam para lhes dar cobertura.

— Baixem-se! — gritou Bracko.

No entanto, mesmo quando uma rajada de balas partiu uma das janelas da ponte de comando e fez ricochete na parede, o egípcio não se atirou para o chão para se proteger. Em vez disso, colocou-se calmamente por detrás de uma espessa divisória, olhou para fora e disparou alguns tiros com a pistola que tinha na mão.

Para surpresa de Bracko, o uso da pistola foi letal. Ámon Ta acertou em cheio em dois dos assaltantes, com dois tiros na cabeça, apesar da ondulação que se fazia sentir no convés e do ângulo difícil. O seu terceiro tiro eliminou um dos focos de luz que incidia sobre eles.

Após os tiros, o egípcio recuou sem pressa nem movimentos drásticos, enquanto uma saravada vinda de armas automáticas se fez sentir como resposta.

Bracko permaneceu no convés no momento em que os tiros se ouviam

na casa do leme. Uma bala roçou-lhe pelo braço; outra rebentou com uma garrafa de *Sambuca* que ele gostava de guardar para lhe dar sorte. Quando o líquido se espalhou no convés, o mestre deu-se conta do mau agouro. Três grãos de café dentro da garrafa deveriam atrair prosperidade, saúde e alegria, mas não os conseguia ver em lado algum.

Já zangado, Bracko retirou a sua pistola de um coldre de ombro e preparou-se para lutar. Olhou para o egípcio que continuava de pé. Com base no comportamento do homem e na sua pontaria letal, a opinião que Bracko tinha dele mudou rapidamente. Ele não sabia quem seria de facto aquele egípcio mas deu-se logo conta de que estava a olhar para o homem mais perigoso no navio.

Ótimo, pensou, pelo menos ele está do nosso lado.

— É um excelente atirador — comentou. — Talvez eu o tenha subestimado.

— Talvez fosse isso mesmo que eu pretendesse — disse o egípcio.

Mais tiros ribombaram no escuro, dessa vez vindos da secção traseira do navio. Em jeito de resposta, Bracko pôs-se de pé e começou a disparar às cegas através da janela partida.

— Está a desperdiçar munições — disse-lhe o egípcio.

— Estou a tentar ganhar tempo — confessou Bracko.

— O tempo está do lado deles — observou o egípcio. — Pelo menos uns doze homens entraram no seu navio. Talvez mais. Há um terceiro barco de borracha que se aproxima da popa.

Uma segunda troca de tiros, bem mais atrás da posição em que se encontravam, veio confirmar o que o egípcio acabara de dizer.

— Isto são más notícias — respondeu Bracko. — O armário das munições fica junto à popa por baixo do convés. Se os homens não conseguirem lá chegar e não vierem até aqui, estaremos infelizmente em minoria.

O egípcio dirigiu-se à porta da divisória, entreabriu-a levemente e espreitou pelo corredor. — Parece-me que já é esse mesmo o caso.

Um som de passos na madeira ouviu-se no corredor, e Bracko preparou-se para a luta. No entanto, abriu a porta para permitir que um membro da tripulação, coxo e a sangrar, pudesse entrar.

— Estão a apoderar-se do convés inferior — conseguiu informá-los o membro da tripulação.

— Onde estão as espingardas?

O homem abanou a cabeça — Não as conseguimos alcançar.

O indivíduo pôs uma mão no estômago onde o sangue, provocado por

um buraco de bala, já se começava a espalhar. Caiu depois no chão e ficou imóvel.

O grupo que procedera à abordagem estava a avançar, alvejando tudo o que se lhes atravessasse no caminho. Bracko abandonou a roda do leme e tentou ajudar o indivíduo que entrara ferido.

— Não se importe com ele — disse-lhe o egípcio. — Temos de sair daqui.

Bracko detestava fazê-lo, mas conseguia aperceber-se de que era já tarde de mais. Furioso e desejoso de ferir seriamente um dos assaltantes, engatilhou a pistola e foi até à escotilha. Estava pronto para batalhar com a pistola, não importava o que pudesse acontecer, mas o egípcio agarrou-o e não o deixou prosseguir.

— Largue-me — ordenou-lhe Bracko.

— Para que possa morrer em vão?

— Estão a assassinar os membros da minha tripulação. Não posso permitir que isso aconteça sem reagir.

— A sua tripulação não interessa — respondeu-lhe friamente Ámon Ta. — Temos de chegar às minhas mercadorias.

Bracko não queria acreditar no que estava a ouvir. — E acredita que vamos conseguir sair daqui com o seu haxixe?

— Os meus barris contêm algo bem mais potente — retrucou o egípcio. — Suficientemente forte para poder salvar o seu navio e eliminar esses parvos, se lá conseguirmos chegar a tempo. Leve-me agora até aos barris.

À medida que o egípcio falava, Bracko deu-se conta de uma estranha intensidade no olhar do homem. Talvez... quem sabe... ele não estivesse a mentir. — Vamos.

Com o egípcio atrás dele, trepou pela janela partida da ponte de comando e saltou para o contentor mais próximo. Tratava-se de uma queda de um metro e vinte e ele aterrou com um estranho estrondo, magoando um joelho.

O egípcio aterrou ao lado dele, acorando-se de imediato e voltando-se.

— A sua mercadoria encontra-se na primeira fila de contentores — explicou Bracko. — Siga-me.

Começaram a correr, saltando de contentor em contentor. Quando chegaram à fila da frente, Bracko desceu por entre os contentores, pondo os pés no convés.

O egípcio continuava junto dele e ambos se esconderam por momentos

entre as enormes caixas de metal. Por essa altura, o som abafado dos tiros ouvia-se mais esporadicamente: um tiro aqui; outro acolá. A batalha estava a terminar.

— É este — indicou Bracko.

— Abra-o — exigiu o egípcio.

Bracko usou a sua chave mestra no cadeado, e puxou com força a alavanca que mantinha a porta fechada. Arrepiou-se quando ouviu as velhas dobradiças guinchar em falsete.

— Lá para dentro — ordenou o egípcio.

Bracko entrou no contentor escuro e acendeu uma lanterna. Um dos tanques cilíndricos de propano ocupava grande parte do espaço, mas, contra a chapa do fundo, viam-se os barris brancos que o egípcio trouxera.

Bracko conduziu Ámon Ta até eles.

— Então e agora? — perguntou o mestre.

O egípcio não lhe respondeu. Em vez disso, retirou a tampa de um dos barris e pousou-a no chão. Para grande surpresa de Bracko, um fumo branco começou a extravasar e a descer pelos bordos do barril.

— Nitrogénio líquido? — perguntou Bracko, sentindo que o ar arrefecia instantaneamente. — Mas que diabo tem você aí?

Ámon Ta continuou a ignorá-lo, trabalhando em silêncio, e pegando numa garrafa arrefecida criogenicamente com um estranho símbolo de lado. Quando Bracko olhou para este, deu-se conta de que talvez se tratasse de um gás neurotóxico ou de algum tipo de arma biológica.

— É disto que eles andam à procura — proferiu Bracko de um modo abrupto, atirando-se ao egípcio para o agarrar. — Não se trata de propano nem de exigir dinheiro de proteção. É você e esse químico que eles querem. É por causa de si que estes bandidos estão a matar a minha tripulação!

O movimento inicial apanhara o egípcio de surpresa, mas este em breve recobrou a calma. Conseguiu libertar-se das mãos de Bracko, torceu um dos fortes braços do capitão para trás das costas e atirou-o ao chão.

Logo que caiu, Bracko sentiu o peso do egípcio em cima do peito. Reparou então no olhar impiedoso do outro.

— Já não preciso de si para nada — disse o egípcio.

Uma dor aguda percorreu o corpo do capitão quando um punhal com uma lâmina triangular se lhe cravou no estômago. O egípcio torceu-lhe a arma no local da ferida, depois retirou-a e levantou-se.

Com uma dor excruciante, Bracko ficou muito tenso para depois quase

perder as forças. A cabeça caiu-lhe para trás, contra o chão metálico do contentor, logo que levou uma mão ao estômago, sentindo o calor do sangue que lhe começava a encharcar a roupa.

Iria ser uma morte penosa e prolongada. Uma que o egípcio não sentira qualquer necessidade de apressar, ao ficar ali de pé a limpar calmamente o sangue da cortante lâmina em forma de triângulo, antes de a embainhar, de ter pegado num telefone via satélite e de pressionar um único botão do mesmo.

— O nosso navio foi interceptado — disse ele a alguém do outro lado da linha. — Pelos vistos por criminosos.

Seguiu-se uma longa pausa e depois o egípcio abanou a cabeça. — São muitos para que possamos combatê-los... Sim, sei muito bem o que deve ser feito... A Névoa Negra não cairá nas mãos de outros. Recomendo-me a Osíris. Ver-te-ei na vida do Além.

Desligou, foi até ao lado mais distante do tanque de propano e usou uma enorme chave-inglesa para abrir uma válvula de segurança. Ouvia-se então um forte silvo, logo que o gás começou a sair.

Em seguida, retirou uma carga explosiva de um dos bolsos do casaco, colou-a a um dos lados do tanque de propano e ativou um temporizador. Logo depois, voltou para a parte da frente do contentor, abriu uma frincha e saiu para a escuridão.

Mesmo apesar de já estar deitado em cima de um charco de sangue, Constantine Bracko sabia muito bem o que o esperava. Apesar de se tratar de uma morte certa, não importava de que forma, decidiu parar a explosão, caso o pudesse ainda fazer.

Rolou no chão, gemendo de agonia, e conseguiu rastejar até ao tanque, deixando um rasto de sangue atrás dele. Tentou fechar a válvula de segurança usando a chave-inglesa, mas reparou que já não tinha forças para agarrar firmemente na ferramenta pesada.

Acabou por deixá-la cair no convés e rastejou mais um pouco, gritando angustiadamente a cada movimento que fazia. O cheiro do propano era nauseante e a dor no ventre como uma fogueira dentro dele. Começou a sentir os olhos turvos. Encontrou a carga de explosivos mas mal conseguia ver os botões do temporizador. Começou a puxá-lo e ele desprendeceu-se do tanque assim que as portas do contentor se abriram.

Bracko voltou-se. Dois homens entraram de rompante com as armas apontadas, mas logo repararam que ele tinha o temporizador na mão.

Este ficou a zero, explodindo enquanto Bracko suspirava profundamente e incendiando o propano. O contentor foi pelos ares com um intenso clarão branco.

A força da explosão deslocou a fila dianteira de contentores, fazendo com que alguns fossem borda fora e caíssem ao mar.

Bracko e os dois homens do grupo de bandidos vaporizaram-se num ápice, mas a ação do capitão sabotara o plano do egípcio. Uma vez retirada da espessa parede metálica do tanque de propano, a carga não fora suficientemente forte para perfurar o cilindro. Em vez disso, causou uma explosão rápida, provocando um incêndio descontrolado alimentado pelo propano que ainda saía da válvula aberta.

Essa língua incendiária emergia diretamente do tanque, queimando tudo o que tocava como um maçarico de corte. Como o tanque se tinha deslocado, a ponta da chama acabou por ficar direcionada para o convés.

Enquanto os criminosos fugiam, o convés de metal por baixo do tanque começou a amolecer e a dar de si. Em alguns minutos, o convés tornou-se tão fraco que o fundo do cilindro já começava, em parte, a afundar-se nele. O tanque estava agora inclinado e o jato de chamas acabou por se redirecionar para um dos lados. Agora, seria apenas uma questão de tempo.

Durante vinte minutos, o navio incendiado continuou a rumar para oeste como uma bola de fogo itinerante que poderia ser vista a milhas. Um pouco antes do nascer do dia, encalhou num recife. Estava apenas a meia milha da costa de Lampedusa.

Os madrugadores que aí viviam foram ver o incêndio e tirar fotografias. Enquanto estavam a observar o espetáculo, o tanque de propano rompeu-se, sessenta mil litros de combustível pressurizado acabaram por explodir e um enorme clarão iluminou o horizonte, ainda mais intenso do que o Sol nascente.

Quando o clarão perdeu força, a proa do *M. V. Torino* tinha desaparecido e o casco estava aberto como uma lata de conserva. Por cima, via-se uma nuvem escura de névoa que se dirigia para a ilha, mantendo-se suspensa na brisa como chuva que nunca chegasse a cair.

Pássaros marítimos começaram a cair do céu, atingindo a água com pequenos salpicos, ou a areia com um som abafado.

Os homens e as mulheres que tinham ido ver o que se passava correram para se abrigarem, mas os tentáculos estendidos do nevoeiro fluante depressa os alcançaram, fazendo com que caíssem no chão enquanto

corriam, ficando aí estendidos tão rapidamente como as gaivotas tinham caído do céu.

Empurrada pelo vento, a Névoa Negra espalhou-se pela ilha e seguiu para oeste, deixando atrás de si apenas o silêncio e uma paisagem cheia de corpos imóveis.

3



MAR MEDITERRÂNEO, DEZASSETE MILHAS
A SUDOESTE DA ILHA DE LAMPEDUSA

UM INDIVÍDUO RODEADO DE SOMBRAS IA CAINDO PARA O FUNDO DO MAR numa descida calma e controlada. Visto de baixo, o mergulhador assemelhava-se mais a um mensageiro que descesse dos céus do que a um homem. As suas formas eram realçadas por duas garrafas de mergulho, um arnês volumoso e uma unidade de propulsão presa às costas que vinha completa com um conjunto de pegas. Juntamente com esta imagem, havia um halo de iluminação proveniente de duas lanternas montadas nos ombros que rompiam a escuridão com feixes de luz amarelada.

Tendo atingido uma profundidade de trinta metros e já perto do fundo, ele conseguia agora vislumbrar um círculo de luz. No interior do mesmo, um grupo de mergulhadores com fatos cor de laranja estavam ocupados a escavar um achado que em muito viria a contribuir para a história épica das Guerras Púnicas entre Cartago e Roma.

Tocou enfim no fundo, a cerca de vinte e cinco metros da zona de trabalho iluminada, e ligou um intercomunicador preso ao braço direito.

— Fala Austin — disse ele, para o microfone montado no capacete. — Cheguei ao fundo e vou dirigir-me para a escavação.

— Entendido — respondeu-lhe ao ouvido uma voz ligeiramente distorcida. — O Zavala e a Woodson estão à tua espera.

Kurt Austin voltou a ligar a unidade de propulsão, levantou-se ligeiramente do fundo e começou a dirigir-se para o local onde estavam a escavar.

Embora muitos dos mergulhadores estivessem a usar fatos de mergulho padronizados, Kurt e os outros dois estavam a testar os novos e atualizados *hard suits*, ou seja, submersíveis antropomórficos, semelhantes aos antigos escafandros, que mantinham uma pressão constante, permitindo-lhes mergulhar e vir à superfície sem necessitarem de paragens para descompressão.

Até agora, Kurt achara esse equipamento confortável e fácil de usar. Não era de surpreender que o mesmo fosse um pouco volumoso. Ao chegar à zona iluminada, passou por um tripé montado que segurava um holofote submarino. Havia luzes semelhantes em volta do perímetro da zona de trabalho. Estas estavam conectadas a cabos elétricos que, por sua vez, estavam ligados a uma série de turbinas semelhantes a moinhos de vento que se amontoavam a uma curta distância.

À medida que a corrente ia passando, movia as lâminas das turbinas e gerava eletricidade para alimentar as luzes, permitindo que a escavação prosseguisse muito mais rapidamente.

Kurt continuou no seu percurso, passando sobre a popa do velho navio naufragado e postando-se no lado mais afastado.

— Vejam quem apareceu finalmente — disse uma voz amiga, usando o intercomunicador montado no capacete.

— Vocês já me conhecem — respondeu Kurt. — Espero até o trabalho mais difícil estar feito, depois apareço para ficar com o crédito.

O outro mergulhador riu-se. Nada poderia estar mais longe da verdade. Kurt Austin era sempre o primeiro a chegar e o último a sair, um homem que era capaz de continuar a trabalhar num projeto condenado, só por mera teimosia, até que tudo começasse a fazer sentido e não houvesse mais opções a experimentar.

— Onde está o Zavala? — perguntou.

O outro mergulhador apontou para um lugar mais ao longe, quase na escuridão. — Insiste que tem uma coisa muito importante para te mostrar. Se calhar, encontrou uma velha garrafa de gin.

Kurt acenou afirmativamente com a cabeça, voltou a ligar a unidade de propulsão e foi até ao local onde Joe Zavala estava a trabalhar com uma mergulhadora chamada Michelle Woodson. Tinham estado a escavar uma secção em torno da proa do navio naufragado e haviam colocado algumas placas de plástico rígido para evitar que a areia e o lodo voltassem a encher o espaço que eles já tinham escavado.

Kurt reparou que Joe se endireitou um pouco e depois ouviu o som muito bem-disposto da voz do amigo através do intercomunicador.

— É melhor fingires que estás ocupada — sugeriu-lhe Joe. — *El jefe* veio fazer-nos uma visita.

Tecnicamente, até era verdade. Kurt era o diretor das missões especiais para a Agência Nacional Marinha e Submarina, um ramo único do governo federal que se ocupava de mistérios oceânicos. Porém, Kurt não a dirigia como um chefe típico. Preferia antes trabalhar em equipa, pelo menos até ter de tomar decisões difíceis. Essas eram aquelas que ele teria de tomar. Segundo pensava, era essa a verdadeira responsabilidade de um líder.

Quanto a Joe Zavala, era para Kurt mais um parceiro no crime do que um empregado. Ambos tinham estado envolvidos em sérios problemas há já muito tempo. Só no último ano, haviam-se envolvido na descoberta do *S. S. Waratah*, um navio que desaparecera e se presumia ter afundado em 1909; tinham ficado presos num túnel para invasões, na zona desmilitarizada entre a Coreia do Norte e do Sul; e posto fim a uma operação mundial de contrafação, tão sofisticada que só usava computadores e nem uma única máquina impressora.

Depois disso, ambos estavam prontos para umas férias. Uma expedição para encontrar relíquias no fundo do Mediterrâneo parecia-lhes o tónico apropriado.

— Ouvi dizer que vocês os dois andavam a preguiçar por estes sítios — disse Kurt, em tom de brincadeira. — Venho pôr um fim a isso e descontrar-vos no ordenado.

Joe riu-se. — Não ias despedir um homem que estivesse prestes a pagar uma aposta que tinha feito contigo, pois não?

— Tu? Pagares? Só quando as galinhas tiverem dentes!

Joe apontou para o esqueleto do antigo navio. — Que me disseste tu quando vimos pela primeira vez as imagens do varrimento sonar do terreno?

— Disse-te que se tratava do naufrágio de um barco cartaginês — recordou-lhe Kurt. — E tu apostaste que era uma galera romana, o que, para minha grande consternação, até estava correto, de acordo com os artefactos que temos vindo a descobrir.

— E se só tivesse acertado em cinquenta por cento?

— Então diria que estás a agir melhor do que o normal.

Joe riu-se uma vez mais e voltou-se para Michelle. — Mostra-lhe o que nós encontrámos.

Ela gesticulou para que Kurt se aproximasse e dirigiu as luzes para a secção escavada. Aí, um espigão longo e afiado, que era o aríete da proa da

galera romana, estava claramente emaranhado com outro tipo de madeira. Onde ela e Joe tinham escavado a areia, Kurt podia agora observar o casco partido de uma outra embarcação.

— Que estou eu a ver? — perguntou.

— Aquilo, meu amigo, chama-se *corvus* — respondeu Joe.

A palavra queria dizer «corvo» e o velho espigão de ferro parecia-se de tal modo com o bico afiado de uma ave, que Kurt imaginou logo de onde viera esse nome.

— Caso te tenhas esquecido da História — continuou Joe —, os romanos eram fracos navegadores e, nesse aspeto, eram muito ultrapassados pelos cartagineses. No entanto, eram melhores soldados e conseguiram arranjar modo de tirarem disso uma vantagem, ao rasgarem os barcos do inimigo, enterrando aquele bico no casco do navio e usando uma ponte móvel para abordarem o barco do inimigo. Com esta tática, transformavam cada confronto no mar numa batalha onde se confrontavam a pouca distância e através de combates corpo a corpo.

— Estão isto quer dizer que havia aqui dois navios?

Joe assentiu com a cabeça. — Um trirreme romano e um barco cartaginês, ainda preso no *corvus*. Trata-se de uma cena de batalha de há dois mil anos que aqui foi conservada no tempo.

Kurt ficou maravilhado com a descoberta. — Mas como é que naufragaram assim?

— O impacto da colisão talvez tivesse partido os cascos de ambos — alvitrou Joe. — Os romanos deveriam ter sido incapazes de libertarem o *corvus*, à medida que os navios se começavam a afundar. Acabaram por submergir de braço dado, ambos ligados para toda a eternidade.

— O que quer dizer que ambos temos razão — observou Kurt. — Receio que não me irás pagar o tal dólar...

— Um dólar? — O espanto vinha de Michelle. — Vocês os dois têm vindo a falar dessa aposta há mais de um mês por causa de um miserável dólar?

— É mais acerca de quem tem direito a gabar-se — esclareceu Kurt.

— Para além disso, ele continua a descontar-me no ordenado — confessou Joe. — De modo que não posso fazer apostas mais altas.

— Vocês são ambos incorrigíveis — concluiu ela.

Kurt teria concordado orgulhosamente com essa afirmação, mas não teve oportunidade, visto uma voz diferente lhe ter chegado através do sistema de intercomunicação e o ter interrompido.

Uma leitura do ecrã, montado no capacete, confirmou-lhe que essa mensagem vinha do *Sea Dragon* que se encontrava à superfície. Um pequeno símbolo de um cadeado, com o seu nome e o de Joe ao lado, era suficiente para Kurt saber que a chamada apenas fora transmitida para os dois.

— Kurt, fala o Gary — disse a voz. — Tu e o Zavala estão a ouvir-me bem?

Gary Reynolds era o capitão do *Sea Dragon*.

— Muito bem — comunicou-lhe Kurt. — Estou a ver que nos pôs num canal privado. Passa-se alguma coisa?

— Receio que sim. Intercetámos um pedido de socorro e não sei bem como lhe havemos de responder.

— E por quê? — perguntou Kurt.

— Porque a chamada não vem de um barco — disse Reynolds. — Vem de Lampedusa.

— Da ilha?

Lampedusa era uma pequena ilha com uma população de cinco mil pessoas. Era território italiano, mas estava mais perto da Líbia do que da ponta sul da Sicília. O *Sea Dragon* tinha aí atracado à noite, todas as semanas, para se abastecer de combustível e de provisões, antes de voltar a colocar-se por cima do local no naufrágio. Mesmo nesse preciso momento, havia cinco membros da NUMA¹ em terra, a tratarem da logística e a catalogarem os artefactos que tinham sido retirados da escavação.

Joe fez a pergunta óbvia: — Por que razão alguém nessa ilha sente necessidade de enviar um pedido de socorro usando um canal da Marinha?

— Não faço ideia — respondeu Reynolds. — Os rapazes na sala de rádio estavam suficientemente atentos para gravarem a chamada logo que se deram conta do que estavam a ouvir. Já a ouvimos várias vezes. Tem partes que não se conseguem perceber bem, mas não há dúvida de que veio de Lampedusa.

— Será que a poderás pôr para nós ouvirmos?

— Pensei que nunca mais pediam — observou Reynolds. — Atenção, pois vou enviá-la.

Depois de uma espera de alguns segundos, Kurt ouviu um som de estática e umas quantas interferências, antes que se pudesse começar a ouvir uma voz. Kurt não conseguiu perceber a primeira série de palavras, mas

¹ Abreviatura de *National Underwater and Marine Agency*, aqui traduzido como Agência Nacional Marinha e Submarina. (N. do T.)

depois o sinal tornou-se mais claro e a voz ouviu-se mais alta. Era uma voz de mulher. Uma mulher que parecia calma e no entanto um pouco desesperada ao mesmo tempo.

Falou em italiano durante vinte segundos e depois começou a falar em inglês.

— ... repito uma vez mais. Fala a Dr.^a Renata Ambrosini... Fomos atacados... Estou agora presa no hospital... preciso desesperadamente de assistência... Estamos completamente isolados do ar exterior e estamos já a ficar sem oxigénio. Respondam por favor...

Alguns segundos de estática e, mais uma vez, uma repetição da mesma mensagem.

— Algum tráfego nas linhas de emergência? — perguntou Joe.

— Nada — respondeu Reynolds. — Mas, se bem que pudesse parecer um cuidado exagerado da minha parte, contactei a equipa de logística. Ninguém está a responder.

— Isso é muito estranho — observou Joe. — Alguém tem de lá estar para responder ao rádio a qualquer hora enquanto nós aqui estamos.

Kurt concordou. — Telefona a outra pessoa — sugeriu ele a Reynolds. — Há uma estação da Guarda Costeira italiana no porto. Vê se consegues falar com o comandante.

— Já tentei fazê-lo — disse Reynolds. — Também tentei o telefone via satélite, caso os rádios estivessem a ser afetados por qualquer coisa. De facto, já liguei todos os números que consegui encontrar para Lampedusa, incluindo a esquadra da polícia local e a tasca onde encomendámos uma piza na primeira noite que lá atracámos. *Ninguém responde*. Não estou a tentar parecer alarmista, mas, por qualquer razão, parece que toda a ilha sofreu um apagão total.

Kurt não era o tipo de indivíduo que chegasse a conclusões apressadamente, contudo, a mulher tinha usado a palavra *ataque*. — Contacta as autoridades italianas em Palermo — sugeriu ele. — Um pedido de socorro é um pedido de socorro, mesmo que não venha de um navio. Diz-lhes que iremos ver o que podemos fazer para ajudar.

— Também me pareceu que seria isso que irias fazer — respondeu Reynolds. — Estive a ver os horários de mergulho. O Joe e a Michelle podem subir contigo. Todos os outros terão que ir na câmara isobárica.

Era isso que Kurt estava à espera. Deu a notícia ao resto da equipa. Em breve, todos pousaram as ferramentas, desligaram as luzes e iniciaram uma subida muito lenta, reunindo-se na câmara de descompressão descida

por cabos, no qual seguiram até à superfície numa segurança devidamente pressurizada.

Kurt, Joe e Michelle tinham emergido nos seus *hard suits*, e Kurt estava a sair desse equipamento quando Reynolds lhes deu as más notícias. Nem uma palavra lhes chegara de Lampedusa. Nem havia unidades da Guarda Costeira num perímetro de cem milhas da ilha.

— Estão a abastecer dois helicópteros fora da Sicília mas estes só estarão prontos a voar daqui a mais ou menos trinta minutos. E ainda demorará uma hora a voar desde a Sicília logo que levantem voo.

— Por essa altura já nós poderíamos estar na praia, a acabarmos a sobremesa e a tomar uma última bebida — observou Joe.

— É por isso que nos estão a pedir para darmos uma vista de olhos — explicou Reynolds. — Aparentemente somos a coisa mais parecida com uma presença governamental na área. Mesmo que o nosso governo esteja do outro lado do Atlântico.

— Ótimo — disse Kurt. — Ao menos agora não temos de pedir licença ou ignorar o aviso de alguém para nos mantermos afastados.

— Vou colocar-nos na direção certa — observou Reynolds.

Kurt acenou afirmativamente com a cabeça. — Toca a dar «corda aos sapatos».